

Formação de professores em uma comunidade colaborativa: da concepção à prática

Teacher training in a collaborative community: from conception to practice

La formación del profesorado en una comunidad colaborativa: de la concepción a la práctica

1

Lucélia Peron¹

Luciana Passos Sá²

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir aspectos do processo de constituição de uma comunidade colaborativa docente. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa desenvolvido com professores do ensino médio, de escolas públicas e privadas de distintas regiões brasileiras. O estudo se ampara em pressupostos da pesquisa colaborativa que compreende, simultaneamente, atividades de pesquisa e de formação continuada de professores, em um processo de co-construção de conhecimentos. Os principais resultados indicam que a proposta foi eficiente em promover um espaço rico de debates, reflexões, aprendizagens, acolhimento, empatia e respeito, aspectos estes que são fundamentais para a constituição de comunidades dessa natureza. Ainda ficou evidente a necessidade de criação de mais espaços que valorizem as experiências e as vozes dos professores que atuam na educação básica.

Palavras-chave: Comunidade colaborativa docente. Pesquisa colaborativa. Formação continuada.

Abstract: The aim of this article is to discuss aspects of the process of setting up a collaborative teaching community. It is a qualitative study carried out with secondary school teachers from public and private schools in different regions of Brazil. The study is based on the assumptions of collaborative research, which includes both research and continuing teacher training activities, in a process of co-construction of knowledge. The main results indicate that the proposal was efficient in promoting a rich space for debate, reflection, learning, welcoming, empathy and respect, aspects that are fundamental for the constitution of communities of this nature. There was also a clear need to create more spaces that value the experiences and voices of teachers working in basic education.

Keywords: Collaborative teaching community. Collaborative research. Continuing education.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo presentar el proceso de constitución de una comunidad docente colaborativa. Se trata de un estudio de enfoque cualitativo desarrollado con profesores de educación secundaria, de escuelas públicas y privadas, de distintas regiones de Brasil. El estudio se apoya en principios de la investigación colaborativa, que comprende, simultáneamente, actividades de investigación y de formación continua de docentes, en El objetivo de este artículo es discutir aspectos del proceso de creación de una comunidad de enseñanza colaborativa. Se trata de un estudio cualitativo realizado con profesores de enseñanza secundaria de escuelas públicas y concertadas de diferentes regiones de Brasil. El estudio se basa en los supuestos de la investigación colaborativa, que incluye tanto actividades de investigación como de formación continua de profesores en un proceso de co-construcción del conocimiento. Los principales resultados indican que la propuesta fue eficaz en promover un espacio rico en debate, reflexión, aprendizaje, acogida, empatía y respeto, aspectos fundamentales para la constitución de comunidades de esta naturaleza. También se evidenció la necesidad de crear más espacios que valoren las experiencias y las voces de los profesores que trabajan en la educación básica.

Palabras-clave: Comunidad docente colaborativa. Investigación colaborativa. Formación continua.

Submetido 09/06/2025

Aceito 08/08/2025

Publicado 20/08/2025

¹ Doutoranda em Educação Científica e Tecnológica (UFSC). Técnica em Assuntos Educacionais (UFFS). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3112-9064>. E-mail: luc.peron@gmail.com.

² Doutora em Ciências (UFSCar). Professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0649-7938>. E-mail: lucianapsa@gmail.com.

Introdução

A obsolescência das ações de formação continuada e suas fragilidades têm sido evidenciadas por inúmeros estudos ao longo das últimas décadas, indicando a necessidade de uma nova abordagem na formação de professores (Crecci; Fiorentini, 2013, 2018; Imbernón, 2015). Esses estudos indicam que tais iniciativas não atendem às necessidades dos professores, não proporcionam momentos coletivos para reflexão e compartilhamento de experiências e não os consideram protagonistas de sua própria profissionalização (Bassoli; Lopes, 2024; Fiorentini, 2019; Maia; Fiorentini, 2023). Além disso, a reestruturação das propostas é uma necessidade urgente, considerando as demandas emergentes da educação, decorrentes das características da sociedade contemporânea, do perfil dos estudantes atuais e das reformas curriculares.

Diante disso, várias iniciativas vêm se consolidando como possibilidades promissoras para reconfigurar as propostas de formação continuada. Destacam-se, dentre tais iniciativas, as parcerias estabelecidas entre universidades e escolas, bem como a constituição de comunidades de professores que assumem a colaboração como fundamento do trabalho formativo (Bassoli; Lopes, 2024; Crecci; Fiorentini, 2013; 2018; Fiorentini, 2019).

Neste estudo, uma comunidade colaborativa docente é compreendida como um grupo específico de profissionais que se unem voluntariamente para discutir a docência, seus desafios, caminhos possíveis e transformações em curso. Trata-se de um espaço de diálogos e produção de conhecimentos que fomenta o desenvolvimento profissional de professores da educação básica e superior por meio do apoio profissional e emocional entre seus membros (Fiorentini, 2019). Nesse espaço, busca-se também investigar as práticas pedagógicas e os problemas apresentados pelos professores por meio de um processo coletivo e reflexivo. Dessa maneira, os professores passam a ter participação ativa em seu processo formativo, e a formação, antes isolada, se transforma em um processo coletivo de formação, pesquisa e inovação.

Segundo Imbernón (2015), as comunidades colaborativas constituem espaços potentes para a formação continuada de professores, pois rompem com a falta de comunicação entre a escola e a universidade. Nesses espaços, os professores são os sujeitos de sua própria formação, não meros instrumentos maleáveis e manipuláveis nas mãos de outros. Por meio dessas comunidades, a formação deixa de partir de uma perspectiva linear, uniforme e simplista para

assumir um pensamento complexo, trazendo à tona questões ocultas que afetam o trabalho em sala de aula. Nesse cenário, a cultura profissional, muitas vezes caracterizada pelo isolamento, torna-se dinâmica e comunicativa.

Hammerness, Darling-Hammond e Bransford (2019) também consideram as comunidades colaborativas espaços propícios para o desenvolvimento profissional dos professores, pois as aprendizagens sobre a profissão se fortalecem quando compartilhadas com profissionais de diferentes níveis, como estudantes de graduação e pós-graduação, professores em início de carreira, professores experientes, formadores de professores e pesquisadores.

Crecci e Fiorentini (2013, 2018) defendem que a criação de comunidades se concretiza a partir da mudança de concepção em relação às práticas de formação continuada de professores. Nesse modelo, a prática profissional é compreendida como um campo complexo que deve se aliar a teorias e estudos acadêmicos para se desenvolver. Com base nesse entendimento, os professores são vistos como produtores de conhecimentos sobre sua prática profissional e participantes ativos em investigações sobre os processos de ensino e aprendizagem.

Nas comunidades colaborativas, busca-se superar a dimensão técnica e de treinamento, que muitas vezes predominam em ações de formação continuada, para assumir uma dimensão reflexiva. Essa dimensão é entendida como um processo de construção, reconstrução e desenvolvimento do professor, que se realiza durante sua trajetória profissional a partir de aprendizagens, experiências e amadurecimento interno (García, 2013; Fiorentini, 2019).

Para García (2013), a formação continuada é uma ação educativa que ocorre por meio de um trabalho pedagógico com finalidade, objetivos explícitos e conteúdos científicos, sociais e culturais. Trata-se de uma emancipação profissional que permite aos professores realizar um ensino crítico, reflexivo e eficaz, capaz de promover a aprendizagem dos estudantes. Essa formação inclui todas as atividades planejadas pelas instituições educacionais e/ou pelos próprios professores, com o propósito de desenvolver a carreira e aprimorar o ensino.

Neste estudo, compreendemos a formação continuada como um processo contínuo de aprendizagem que ocorre após a formação inicial e abrange uma série de ações, como cursos, oficinas e programas de qualificação, bem como trabalhos colaborativos, contribuindo para o desenvolvimento profissional dos professores em exercício. Nossa compreensão também se

apóia em Fiorentini e Crecci (2013, p. 13), que afirmam que "os professores aprendem e se desenvolvem profissionalmente por meio da participação em diferentes práticas, processos e contextos, intencionais ou não, que promovem a formação ou a melhoria da prática docente".

Como constituir uma comunidade que assume, na prática, os princípios da colaboração e da investigação? Por onde começar? Quais são os limites e o potencial? A busca por respostas para essas questões orientou o desenvolvimento deste trabalho, parte de uma pesquisa de doutorado conduzida pela primeira autora, sob a orientação da segunda. Neste artigo, o objetivo é apresentar o processo de constituição de uma comunidade colaborativa e suas possíveis contribuições para a implementação de ações formativas que fomentem um desenvolvimento profissional docente condizente com a realidade contemporânea.

Contexto da Pesquisa e Percorso metodológico

Este artigo apresenta um estudo de abordagem qualitativa amparado nos pressupostos da pesquisa colaborativa (Desgagné, 2007; Ibiapina, 2008). Segundo Desgagné (2007), a pesquisa colaborativa, considerada um espaço simultâneo de atividades de pesquisa e de formação continuada de professores, visa construir um processo de coconstrução de conhecimentos entre os envolvidos, desenvolver profissionalmente os professores e aproximar comunidades acadêmicas e escolares. Ela também busca articular teoria e prática, além de atender às demandas dos professores, ajudando-os a enfrentar a complexidade das situações educacionais com as quais se deparam diariamente.

A opção pela pesquisa colaborativa justifica-se pelo fato de ela não se limitar a ouvir o professor e observar o ambiente escolar para avaliá-lo. Nesse tipo de pesquisa, o objetivo é discutir com os professores a realidade do seu trabalho e as dificuldades encontradas, além de oferecer subsídios teóricos e metodológicos para a implementação de novas práticas que transformem o trabalho docente (Gasparotto; Menegassi, 2016). Dessa forma, a investigação e a formação ocorrem em paralelo, e cada sujeito participa de acordo com seus interesses. Ou seja, os pesquisadores buscam avançar na compreensão do fenômeno estudado, enquanto os professores desejam aprimorar sua prática profissional por meio da participação em ações de formação continuada (Desgagné, 2007; Ibiapina, 2008).

Para o desenvolvimento deste estudo, foi necessário criar um contexto de pesquisa, que

consistiu no desenvolvimento de uma ação formativa oferecida a professores que atuavam no ensino médio. Para que o conteúdo da formação se aproximasse das reais necessidades dos professores, antes de qualquer proposição, realizamos uma etapa de entrevistas com os seguintes propósitos: nos aproximar dos professores, ouvi-los, conhecer suas demandas, prestar os devidos esclarecimentos em relação à ação formativa que seria desenvolvida, identificar possíveis interessados na proposta e o tempo disponível que eles teriam para frequentar os encontros formativos.

Participaram das entrevistas 25 professores das áreas de ciências da natureza e matemática de 12 cidades diferentes do estado de Santa Catarina. No segundo semestre de 2022, eles atuavam no ensino médio em escolas da rede estadual e/ou particular de ensino. A seleção dos professores foi feita de maneira aleatória, mediante consulta de interesse em participar da pesquisa. Entramos em contato com secretarias e coordenadorias de educação e escolas para apresentar a pesquisa e convidar os professores a participar do estudo. Os interessados enviaram mensagens por e-mail e/ou WhatsApp se colocando à disposição para realizar a entrevista e indicando suas disponibilidades de datas e horários. As entrevistas foram realizadas individualmente, on-line (via Webex Meet), de modo síncrono e foram gravadas para que pudessem ser transcritas.

Finalizada essa etapa, organizamos a ação formativa intitulada "A docência diante dos desafios da contemporaneidade: caminhos e perspectivas", que teve como um de seus objetivos constituir uma comunidade colaborativa envolvendo pesquisadores, formadores, estudantes de pós-graduação e professores que atuam no ensino médio. Isso foi feito por meio da oferta de um curso de extensão vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da universidade.

O conteúdo da formação foi definido com base nos resultados obtidos nas entrevistas. Ou seja, os temas abordados partiram das falas dos professores, e não foram impostos a eles, como é comum em propostas de formação continuada. O Quadro 1 apresenta as temáticas abordadas em cada encontro, na sequência em que ocorreram.



Quadro 1 – Sequência de temáticas abordadas na ação formativa.

Encontro	Temática
1	Saúde e bem-estar do professor diante dos desafios da contemporaneidade
2	Vivendo atrás das telas: perfil e características dos atuais estudantes e os desafios para o trabalho docente
3	Entre habilidades e competências no Novo Ensino Médio: qual o papel do professor?
4	Informática na Educação: histórico e fundamentos pedagógicos
5	Pensando a conexão IA e educação: o ChatGPT como ferramenta para auxiliar o professor na elaboração de aulas
6	Tecnologia na Nuvem e Educação: vamos explorar o Google Drive?
7	Produção audiovisual na escola: som, câmera, ação!
8	Dinamizando as aulas por meio da proposição de casos investigativos
9	Socialização de casos, encerramento e avaliação

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

A proposta formativa foi divulgada em redes sociais, no WhatsApp e por meio de e-mails enviados para escolas e secretarias/coordenadorias de educação de Santa Catarina. A divulgação nas redes sociais despertou o interesse de professores de diferentes regiões do Brasil, como Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Minas Gerais, Bahia, Maranhão e Amazonas. Dessa forma, ampliamos a oferta de vagas, inicialmente pensada somente para Santa Catarina. Essa decisão se baseou em nossa crença de que muitas demandas, interesses e desafios vivenciados por professores são independentes da região, e de que a diversidade de contextos traria benefícios para a proposta formativa. Esse aspecto também é recomendado por autores como Fiorentini (2004, 2009), Ibiapina (2008) e Bassoli e Lopes (2024).

Outro ponto considerado foram as justificativas apresentadas por cada professor no ato da inscrição. Nesse momento, eles explicaram o porquê do seu interesse em participar da formação. Entre os motivos apresentados, podemos citar: temas relevantes e atuais; conteúdo programático condizente com a realidade vivenciada em sala de aula; diversidade do grupo responsável pelas ações formativas; assuntos direcionados às reais necessidades do professor; possibilidade de formação continuada e de compartilhar vivências com os pares; oportunidade para adquirir novos conhecimentos e melhorar a prática pedagógica; momento para estar no meio acadêmico, aprendendo com professores universitários, mestrandos, doutorandos e colegas professores.

Percebe-se que as razões que levaram os professores a se inscreverem na ação formativa são variadas, contemplando desde a necessidade de acessar conteúdos importantes para sua

prática docente até a satisfação de compartilhar experiências e desafios com seus pares. Essa busca voluntária e espontânea pela ação formativa é o primeiro princípio de uma cultura colaborativa. Segundo Fiorentini (2019), a voluntariedade e a espontaneidade dos professores em querer estar junto com seus pares e desejar fazer parte de um grupo, são ações que devem ocorrer por motivação intrínseca e nunca por imposição de qualquer que seja a ordem.

Os professores interessados em participar da formação se inscreveram por meio de um formulário organizado na plataforma Google Forms. Iniciaram o curso 29 professores, dos quais 17 concluíram todas as etapas, recebendo um certificado de conclusão com atribuição de 40 horas. Cabe informar que os 25 professores colaboradores das entrevistas foram convidados a participar da ação de formação; no entanto, destes, somente três efetivamente participaram. A participação na entrevista não era condição para inscrição na ação formativa. Além disso, apesar de grande parte do público da ação formativa não ter sido entrevistada, consideramos que as demandas apresentadas pelos professores que participaram da etapa de entrevistas são representativas e expressam satisfatoriamente a realidade docente, com seus desafios, expectativas e necessidades.

A ação formativa ocorreu no segundo semestre de 2023, de forma on-line, com uma agenda de encontros pré-definidos. Foram realizados nove encontros síncronos na plataforma Webex Meet e atividades assíncronas no ambiente virtual Moodle. As sessões síncronas foram destinadas a abordar as temáticas indicadas pelos professores nas entrevistas como necessárias para o seu desenvolvimento profissional. Assim, em cada encontro, foram realizadas discussões sobre uma temática específica, e foram compartilhadas experiências, desafios, angústias e expectativas. Também foram momentos de acolhimento, socialização e escuta dos professores. Nos momentos assíncronos, foram realizadas atividades complementares, como fóruns de discussão, compartilhamento de livros, artigos, experiências e materiais didáticos.

Optamos por desenvolver sessões de estudo síncronas e assíncronas para possibilitar reflexões coletivas e individuais e permitir que cada professor analisasse o contexto macrossocial, o contexto de sua escola e sua prática docente. A intenção era "munir os docentes de conhecimentos, habilidades e atitudes capazes de proporcionar-lhes condições de compreensão das situações problemáticas vivenciadas, bem como de resolução e mudança dos contextos de atuação" (Ibiapina, 2008, p. 42).

Para produção deste texto, utilizamos como materiais de análise as transcrições das gravações dos encontros síncronos, os registros dos fóruns de discussão realizados no Moodle e as notas de campo da pesquisadora. Como procedimento de análise, amparamo-nos nos pressupostos da pesquisa colaborativa, que orientam que a organização e a análise do *corpus* da pesquisa devem ser realizadas a partir de eixos temáticos que abordem unidades de discussão específicas (Teles, 2010). A definição de cada eixo temático ocorreu a partir da leitura minuciosa dos referenciais teóricos e do material empírico coletado, considerando sempre a questão de pesquisa que orienta o estudo.

O eixo apresentado refere-se à "constituição de uma comunidade colaborativa docente", e sua unidade de discussão abrange o caminho percorrido desde sua concepção até a efetivação da ação formativa. A análise se materializa com a descrição da experiência, destacando aspectos característicos do trabalho colaborativo que se fizeram presentes, com a apresentação das vozes dos professores e com interpretações alicerçadas nos referenciais teóricos que discutem a pesquisa colaborativa e a formação de comunidades colaborativas (Bassoli; Lopes, 2024; Fiorentini, 2019; Ibiapina, 2008; Maia; Fiorentini, 2023).

Quanto aos aspectos éticos, a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos por meio do Parecer nº 5.720.407 (CAAE 63583122.7.0000.0121), atendendo, portanto, às exigências previstas para pesquisas com seres humanos. Para manter o sigilo da identidade dos professores, cada um deles foi referenciado por um nome fictício.

Para que o leitor possa compreender o caminho percorrido e os resultados alcançados, o próximo tópico narra a gênese da constituição da comunidade, as ações desenvolvidas e as reflexões ocorridas nos encontros formativos.

A gênese da comunidade

A constituição de uma comunidade colaborativa de professores era um desejo que há tempos permeava o imaginário dos idealizadores da proposta, integrantes de um grupo de pesquisa da área de ensino de ciências. Desse modo, a ideia se materializa, ainda que de forma embrionária, na pesquisa de tese da primeira autora deste texto. Consideramos a ideia embrionária porque propostas formativas que assumem o princípio da colaboração não acontecem apenas com a formação de um grupo. Ações dessa natureza demandam a criação de

uma "sinergia que permita não apenas a aprendizagem compartilhada, mas também a geração de um conhecimento novo, na medida em que é nutrida de vozes e posições diferenciadas que contribuem para a melhoria da prática" (Larraín; Hernandez apud Fiorentini, 2019, p. 62).

A insatisfação manifestada pelos professores com os modelos formativos vigentes, com a descontinuidade das propostas e com a inexistência de espaços coletivos para a troca de experiências com os pares também nos motivou a investir na constituição desta comunidade. A aposta dos envolvidos nesse projeto é a consolidação de um grupo permanente e dinâmico que implemente ações independentes das propostas de formação continuada ofertadas pelas escolas e coordenadorias/secretarias de educação. A missão da comunidade é respeitar os interesses e as demandas dos professores, ajudá-los a enfrentar os desafios impostos à prática docente e manter um canal de diálogo permanente entre pesquisadores e professores.

A comunidade nasceu no âmbito da ação formativa "A docência diante dos desafios da contemporaneidade: caminhos e perspectivas", no segundo semestre de 2023. Portanto, narrar como se deu a sua constituição é contar uma história que ainda está acontecendo e que, a todo momento, é ressignificada, pois os seus membros têm se esforçado para consolidá-la como espaço-tempo de produção de conhecimentos, de acolhimento e de desenvolvimento profissional docente.

A comunidade como prática de formação

A trajetória da comunidade teve início em agosto de 2023, com o primeiro encontro formativo. Iniciamos com as boas-vindas e os devidos esclarecimentos sobre a origem e as motivações para a proposição da ação formativa, o processo de seleção das temáticas de cada encontro, as atividades e dinâmicas que seriam desenvolvidas e a pretensão de constituir uma comunidade colaborativa docente permanente. Esses esclarecimentos eram importantes para que os professores conhecessem os detalhes da pesquisa e da formação, se sentissem colaboradores do processo e se sentissem estimulados a participar dos encontros reflexivos.

De acordo com Fiorentini (2019), os esclarecimentos devem ser a primeira tarefa realizada, pois possibilitam que todos entendam como o trabalho colaborativo será efetivado e qual será o papel de cada um no grupo. Esse momento também contribui para a construção de um sentimento de pertencimento e compromisso com o trabalho a ser desenvolvido. Assim,

define-se a liderança compartilhada e a corresponsabilidade, segundo princípio de um trabalho colaborativo. Para o autor, a liderança compartilhada significa que todos assumem a responsabilidade de cumprir os acordos estabelecidos, e todos terão voz e vez. Além disso, os participantes devem se sentir membros de uma comunidade que só funcionará se todos se empenharem e construírem coletivamente o caminho para alcançar os objetivos propostos.

Após os esclarecimentos, discutiu-se a temática definida para o dia: a saúde e o bem-estar do professor. Tanto nas entrevistas quanto neste primeiro encontro, os professores compartilharam relatos sobre sua saúde mental. A maioria mencionou sentimentos como ansiedade, estresse, irritação, cansaço, desânimo, frustração, depressão, solidão e falta de resiliência. Eles justificaram que esses estados emocionais se devem, entre outros aspectos, à falta de valorização da profissão, à carga horária excessiva de aulas, às más condições de trabalho (falta de insumos, estrutura e suporte pedagógico), ao excesso de burocracia, às inúmeras mensagens de trabalho no WhatsApp, ao desinteresse e à falta de respeito por parte dos estudantes e aos problemas de relacionamento no âmbito da escola.

Diante dos relatos, a profissional convidada mediou a discussão, abordando a ocorrência de quadros graves de estresse e síndrome de burnout entre os profissionais da área da educação. Ela indicou estratégias de defesa pessoal para a diminuição do estresse e ressaltou a importância de implementar instrumentos de prevenção, notificação, manejo e acompanhamento do adoecimento dos professores. Ela também destacou o valor do trabalho coletivo e colaborativo no ambiente escolar e fora dele para o enfrentamento dessas situações adversas.

Iniciar com essa temática tão sensível e necessária foi importante para mostrar aos professores o papel de uma comunidade docente nesse processo de acolhimento e escuta. Segundo Bassoli e Lopes (2024), as comunidades têm contribuído para que os professores compartilhem suas angústias e inseguranças, rompendo com a cultura do isolamento. Dessa forma, elas se caracterizam como espaços de troca, respeito, ajuda mútua, afeto, cuidado com o outro, suporte emocional e profissional.

O perfil dos estudantes atuais e os desafios para o trabalho docente foram as temáticas do segundo encontro. Havia consenso entre os professores de que o principal desafio enfrentado na profissão nos últimos anos é conseguir atrair a atenção e despertar o interesse dos estudantes nas aulas, pois eles apresentam um padrão de comportamento muito distinto — imediatistas,

impacientes e refêns dos celulares e das redes sociais — em comparação com as gerações anteriores. Além disso, inúmeros estudos apontam os estudantes atuais como desmotivados, desinteressados e desencantados com a escola, assumindo um comportamento inerte em sala de aula em relação à aprendizagem (Desmurget, 2021; Serres, 2013; Twenge, 2018). Diante desse cenário, é natural que os professores tenham sinalizado a necessidade de repensar sua prática e buscar estratégias mais alinhadas ao perfil desse público, já que os métodos tradicionais de ensino têm se mostrado ineficazes para promover interesse e aprendizagem em sala de aula.

No debate conduzido pela formadora, a participação dos professores foi bastante intensa. Houve muitas contribuições no chat, como questionamentos, compartilhamento de experiências, sugestões de livros e autores, e vários professores abriram o microfone para falar sobre suas realidades, desafios enfrentados, angústias e experiências. Percebeu-se que o assunto despertou o interesse dos professores, que já se mostravam mais à vontade no grupo.

No terceiro encontro, a temática abordada foi o Novo Ensino Médio (NEM). Nessa ocasião, os professores relataram os problemas enfrentados na implementação da reforma curricular, suas angústias e dificuldades para conduzir as disciplinas das trilhas formativas e o "Projeto de Vida", elementos obrigatórios do NEM. Eles alegaram falta de formação para trabalhar no NEM e a inexistência de tempo para o planejamento coletivo. Eles também destacaram suas impressões sobre os resultados iniciais da reforma: sobrecarga de trabalho docente, insatisfação dos estudantes (que se sentem cansados devido ao excesso de disciplinas e ao turno de aula estendido) e insatisfação dos pais em relação à redução da carga horária das disciplinas de formação geral básica, além de diferenças no currículo da escola pública e privada e o consequente aumento da desigualdade social.

Diante desses relatos, a convidada abordou a parte legal da implementação do NEM, as habilidades e competências previstas no documento, a diferença entre Base Nacional Comum Curricular e currículo base e o papel do professor diante dessa reforma curricular. Ela também explorou o currículo na prática e os desafios enfrentados pelos professores diante da necessidade de ressignificar o planejamento, partindo das habilidades, e não mais dos conteúdos.

A reestruturação curricular causou inquietação, insatisfação e inconformismo nos professores, que não se sentiram protagonistas no processo de elaboração e implementação do

documento, mas sim executores de tarefas e prestadores de contas. Eles consideram que, em algum momento, também serão responsabilizados pelos resultados dessa reforma. Esse posicionamento é compreensível, pois são eles que enfrentam os desafios e as adversidades apresentados pelo novo currículo.

A temática "uso de tecnologias na educação" foi a mais solicitada pelos professores. Eles compreendem que o uso de recursos tecnológicos pode ajudar a dinamizar o ensino e a atrair a atenção dos estudantes. Assim, para tratar dessa temática de forma adequada, foram destinados quatro encontros, que abordaram os seguintes temas: fundamentos históricos e pedagógicos da informática na educação, conexão entre IA e educação, tecnologia na nuvem e produção audiovisual.

As reflexões abordaram, primeiramente, a importância de desenvolver aulas com o uso de recursos tecnológicos sob a perspectiva construtivista. Em seguida, o assunto foi o uso do ChatGPT como ferramenta para auxiliar o professor na elaboração de aulas. Naquele momento, essa era uma temática bastante atual, e tanto professores quanto estudantes ainda estavam se familiarizando com essa IA.

Durante as discussões, o professor Bernardo compartilhou sua experiência com a IA na criação de roteiros de aulas práticas para o ensino médio e destacou que o ChatGPT é uma boa ferramenta para fazer os estudantes se ambientarem com o método científico, pois ele ensina a formular perguntas e, conseqüentemente, problemas de pesquisa. O professor Jonas também avaliou o ChatGPT de forma positiva. Segundo ele:

As IAs são ferramentas que devemos usar como aliadas do professor. E precisamos deixar claro que o professor as conhece, sabe utilizar e que vai identificar se determinada escrita/resposta foi só copiada e colada, porque a linguagem da IA é diferente da linguagem do estudante. E verificado plágio, é preciso devolver e pedir para que a resposta, atividade seja refeita, pois isso é um trabalho pedagógico-educativo para o estudante. Nas minhas turmas das trilhas de aprendizagem, estamos fazendo uma pesquisa científica sobre qualidade de vida das pessoas idosas e estamos usando o ChatGPT. Inclusive estou ensinando os estudantes a como usá-lo para fazer pesquisa e orientando sobre a parte ética, plágio, fazendo esse trabalho de conscientização (Jonas).

Tratar de uma temática tão atual e, ao mesmo tempo, ainda desconhecida no âmbito de uma comunidade de professores mostrou-se extremamente adequado e produtivo. Segundo a

professora Janete, "este encontro foi uma excelente experiência, pois nunca tinha usado e abriu um leque para mim hoje". A partir de relatos como esse, percebemos que aprendizagens estavam sendo construídas a partir das reflexões e trocas ocorridas nesse espaço-tempo, e que as discussões, na medida do possível, atendiam às demandas dos professores, envolvendo-os em um processo reflexivo sobre possibilidades antes não vislumbradas. De acordo com Maia e Fiorentini (2023), as comunidades são espaços propícios para instrumentalizar o professor, ampliar conhecimentos relacionados aos conteúdos curriculares e promover a discussão, o planejamento e a inovação das práticas de ensino. Nesse sentido, a comunidade parecia estar cumprindo seu papel formativo e avançando a cada encontro com mais engajamento e colaboração.

Os professores mencionaram a pandemia de coronavírus como um momento que impulsionou o uso das tecnologias na educação básica. A rápida transição do ensino presencial para o remoto trouxe à tona inúmeros desafios, como a escassez de recursos e de infraestrutura tecnológica na comunidade escolar, além da falta de preparação dos professores para adaptar suas aulas ao novo formato. Nesse contexto, os professores precisaram adquirir novos conhecimentos para lidar com a realidade desafiadora daquele momento. Ferreira, Patton e Parker (2022) destacam o quanto as comunidades colaborativas foram promissoras ao apoiar os professores naquele momento crítico, marcado por tantas incertezas. Segundo os autores, as comunidades foram espaços de acolhimento em que seus membros puderam compartilhar dúvidas, refletir, interagir com os pares e se fortalecer emocionalmente para enfrentar as tensões e os dilemas impostos.

Ainda foi discutido “produção e edição de vídeos”. A formadora trabalhou com o editor CapCut e cada professor fez a edição do seu próprio vídeo, gravado anteriormente ao encontro. Finalizadas as edições, iniciou-se o debate sobre as experiências deles com a produção e edição de vídeos. O professor Antônio relatou que os estudantes utilizam diversos programas para gravar e fazer edição de vídeos e que as disciplinas eletivas do NEM têm possibilitado que os professores conheçam as ferramentas usadas pelos estudantes, assim como suas habilidades com esses recursos. Destaca ainda que isso tem estimulado, e até forçado, os professores a aprenderem e a utilizarem esses recursos, como forma de aproximação e comunicação com os estudantes. Segundo o professor:

Como a intenção do NEM é trabalhar o protagonismo juvenil nas trilhas formativas e projeto de vida, o professor precisa colocar os estudantes em ação e utilizar esses artefatos para o processo de ensino-aprendizagem. E para fazer com que os estudantes as conheçam também, pois eles estão se inserindo ou já estão no mercado de trabalho, e essas tecnologias vão ajudá-los nas questões de marketing, divulgação, vendas, e no desenvolvimento de outras habilidades. Diante do cenário atual, precisamos aprender a utilizá-las e ensinar os estudantes a utilizarem esses recursos diversificados, pois elas são importantes para todos e é possível perceber como estudantes podem utilizá-las na vida pessoal, escolar e profissional (Antônio).

Manuela relata que na escola onde atua os professores têm trabalhado com editores de vídeo, estimulando também os estudantes a utilizarem. No entanto, ela percebe que

Os estudantes sabem muito bem utilizar os programas para fazer a edição dos vídeos: inserir animações, frases, imagens, legendas. São muito criativos, têm desenvoltura, mas o conteúdo que devem abordar, infelizmente, está sendo tratado de forma superficial. Eles se preocupam mais com a animação do que abordar o conteúdo. Então, após avaliação das produções, os professores solicitaram para os estudantes refazerem os vídeos que produziram para que, realmente, aprofundem os assuntos e tragam os conceitos científicos necessários (Manuela).

A partir desse momento, discutiu-se fortemente a necessidade de promover ações formativas contínuas que capacitem os professores para o uso adequado das tecnologias na educação. Percebe-se claramente a angústia dos professores diante dos desafios constantes. A seguir, apresentamos algumas falas que consideramos importantes e que nos fizeram refletir sobre o sentimento dos professores em relação às questões debatidas naquele encontro.

Com a mudança no currículo do NEM em Santa Catarina, a partir de 2024, os estudantes terão 80% da carga horária síncrona e os outros 20%, assíncrona. Então, a pergunta é: o que os professores que ministrarem essas aulas farão? Eles vão apenas disponibilizar textos e mais textos? Isso já justifica a importância da formação para o uso desses recursos tecnológicos. O professor não precisa apenas de uma formação específica sobre os conteúdos de sua disciplina/área. Só isso não vai resolver. Ela é importante? Sim, é essencial. No entanto, precisamos de formações que nos auxiliem a pensar em como vamos mediar os conhecimentos junto aos estudantes. Nós, professores, precisamos reconhecer a importância da formação sobre o uso das tecnologias (Antônio).

Precisamos de uma formação adequada; do contrário, não mudaremos a educação. Apenas ler slides não resolve! Aprendi muito mais hoje editando meu vídeo em poucos minutos do que em todas as formações que tive durante a pandemia. Aprender fazendo e depois discutir como utilizar é fundamental. Chega de tutoriais que exigem várias horas de leitura. Isso falta na escola. Eu também gostei muito do encontro do ChatGPT, porque o professor mostrou como fazer o cadastro, como usar, como fazer “boas” perguntas. Às vezes temos uma semana inteira de formação e não fica muita coisa na nossa memória porque não nos ajuda em nada. Os formadores ficam lendo citações de autores. Não é isso que precisamos. O como fazer é importante. Eu não sabia editar um vídeo, hoje fui alfabetizada nesse processo. Eu sou diferente do meu estudante que já nasceu no meio dessas ferramentas, convivem com isso e, portanto, sabem usá-las (Cecília).

[...] conhecer o estudante e estar atento a essas mudanças é reconhecer que o professor precisa dessas temáticas na sua formação e admitir que ainda somos muito tradicionais e precisamos de outras metodologias, mais interativas e ativas para podermos contemplar os estudantes de hoje. Deixar eles sentados, copiando, não dá mais. E claro que não podemos responsabilizar só o professor, mas precisamos estar atentos, se desenvolver, reconhecer que não sabemos tudo e questionar as formações ofertadas, condições e incentivos que temos para o desenvolvimento profissional (Henrique).

Assim como Bassoli e Lopes (2024), Fiorentini (2019) e Ibiapina (2008), nós também compreendemos que o que cada professor tem a dizer interessa a todos os membros da comunidade, pois compartilham necessidades, angústias e problemáticas semelhantes em seu cotidiano escolar. Percebemos que, a cada encontro, as discussões aconteciam de forma mais intensa e espontânea, resultado da confiança que os professores iam sentindo entre aqueles que compartilhavam das mesmas experiências, frustrações e preocupações. O grupo demonstrava profundo respeito pelo que cada um compartilhava e buscava oferecer incentivo emocional e suporte teórico-metodológico, fortalecendo a confiança e o sentimento de pertencimento àquela comunidade.

Era notório também o anseio desses professores por ampliar conhecimentos, buscar maior autonomia e melhorar sua prática profissional. A comunidade parecia estar cumprindo seu papel de apoio e acolhimento, sendo compreendida como um espaço em que todos podiam falar e ser ouvidos sobre sentimentos, experiências, incertezas e desafios enfrentados na profissão, sem julgamento algum. Segundo Fiorentini (2019), esse apoio, que pode ser intelectual, técnico ou afetivo, é o terceiro princípio a ser considerado na formação de uma comunidade, sendo fundamental para o sucesso e a consolidação do ambiente colaborativo.

Como a intenção da ação formativa também era incentivar os professores a refletirem sobre estratégias metodológicas, o oitavo encontro tratou da metodologia de ensino “Casos Investigativos” (Sá; Queiroz, 2010). Na ocasião os professores relataram suas percepções sobre a metodologia e socializaram experiências já realizadas em sala de aula para tratar de temas como: ecologia, problemas ambientais, controle de pragas na citricultura, acessibilidade, nanotecnologia no cotidiano, homeopatia e medicamentos químicos.

Apesar de reconhecerem as vantagens do uso de metodologias dessa natureza, os professores chamaram a atenção para a dificuldade de desenvolvê-las em função das reformas curriculares e da diminuição do número de aulas das disciplinas. Por essa razão, os professores relatam preferir o trabalho de escrita em sala de aula, pois dinâmicas de socialização exigem mais tempo para planejamento e execução.

O último encontro foi destinado à apresentação dos casos investigativos elaborados pelos professores. Foram produzidos nove casos relacionados às disciplinas de Arte, Biologia, Cultura Digital, Física, Química e Sociologia. As propostas envolveram uma ampla gama de temas integradores, como tecnologias nos espaços escolares, consequências do vício em celulares e redes sociais, saúde, sentimentos/emoções, aquecimento global, poluição e meio ambiente, lixo e dengue, cultura, política, economia e ética.

Percebemos que a tarefa estimulou a criatividade e o exercício da produção escrita dos professores, e que, apesar do pouco tempo para a elaboração desse material, a atividade ocorreu de forma compartilhada e colaborativa. Segundo Antônio, a atividade poderia resultar na "publicação de um livro com os casos investigativos, para que essa atividade não seja uma simples atividade para o encontro de hoje, mas que chegue e ajude o trabalho de outros professores da educação básica". A fala de Antônio remete à importância de compartilhar experiências para alcançar um número maior de profissionais e contribuir para a prática de docentes de outras escolas e regiões.

Assim como Antônio, Fiorentini (2019) também defende que entre as responsabilidades que uma comunidade colaborativa docente deve assumir estão o apoio e o assessoramento para produções escritas, para o planejamento e a elaboração de material didático e para a publicação e a divulgação desses materiais aos membros do grupo e aos demais professores que atuam nas redes de ensino.

Considerando que este foi o último encontro síncrono, realizamos uma discussão sobre as impressões dos professores acerca da experiência vivenciada. De modo geral, todos avaliaram positivamente a organização da proposta, o formato remoto, as temáticas abordadas e a escolha dos profissionais convidados. Foram fortemente enfatizados os momentos de reflexão, o engajamento do grupo e o espaço de apoio, aprendizagem e acolhimento, no qual puderam compartilhar vivências, dúvidas e angústias. Outros pontos mencionados foram a oportunidade de diálogo com colegas de outras regiões do país e as possibilidades de práticas para a sala de aula apresentadas pelos integrantes do grupo. Por fim, os professores socializaram suas expectativas e desejos em relação à consolidação da comunidade, conforme evidenciado nas falas de Daniela e Antônio:

Eu gostei muito! As temáticas dos encontros foram atuais, interessantes e conectadas com as nossas necessidades do cotidiano da sala de aula, que é sempre desafiador. É tão desanimador quando a gente chega e tem uma formação totalmente desconectada com aquilo que a gente trabalha. E também foi uma terapia, porque a gente se encontrou, dialogou, desabafou, “chorou”, se esforçou para fazer as atividades e viu que muitos dos problemas são os mesmos. Aí a gente até se anima a continuar dando aula. Eu espero que realmente a gente continue se encontrando e que na coletividade possamos nos fortalecer (Daniela).

Temos muito trabalho pela frente, mas com força e dedicação tudo vai dar certo. Temos que continuar! Eu me senti um ser em mutação, em processo de aprendizagens pessoais, bem como com potencial contribuidor na aprendizagem de outros colegas, dada as possibilidades de socializar experiências e ações que desenvolvo em sala de aula (Antônio).

Esses relatos mostram que a constituição e a consolidação de uma comunidade colaborativa exigem trabalho sério, comprometimento, disposição para aprender, empatia, afeto, respeito e atendimento das demandas trazidas pelos professores. Na experiência aqui narrada, avaliamos que as ações propostas promoveram um processo formativo, reflexivo e dialógico, possibilitando, entre outros aspectos, discutir os desafios enfrentados pela docência no início do século XXI, refletir sobre a importância do trabalho colaborativo para superá-los, articular teoria e prática de modo mais alinhado às necessidades dos professores e fomentar o sentimento de acolhimento e pertencimento a uma comunidade que compartilha dos mesmos desejos, interesses e desafios.

Algumas considerações

Ao narrar a trajetória da comunidade, procuramos apresentar os fatos mais significativos, que representam indícios do processo colaborativo vivenciado pelo grupo. Os resultados indicam, primeiramente, o potencial da comunidade em se consolidar como um espaço de formação que atenda às reais demandas do coletivo de professores, incentivando-os a serem protagonistas de seu desenvolvimento profissional.

Dessa forma, a comunidade permanece firme em seu propósito de atuar como um grupo que se reúne periodicamente para discutir a docência e as constantes transformações da prática docente. Após a finalização da experiência narrada, mais três ações foram realizadas. A primeira teve como propósito discutir aspectos da decolonialidade na formação de professores, com foco em questões como racismo ambiental, questões étnico-raciais e interculturalidade. A segunda ação foi direcionada a professores da Educação de Jovens e Adultos – EJA e contemplou práticas pedagógicas que abordaram temas como decolonialidade e questões de gênero na EJA. A terceira explorou perspectivas e abordagens de ensino voltadas à equidade e à justiça social. É importante ressaltar que a maioria dos professores que participaram da primeira experiência não pôde participar das outras. Porém, alguns permaneceram na comunidade e participaram das quatro ações formativas. Entendemos que essa é uma realidade na constituição das comunidades colaborativas, cujo papel é estar abertas para receber e acolher professores interessados nesse espaço de troca e aprendizado.

Sabemos que, por meio desta narrativa, conseguimos expressar apenas parte do que foi vivido e das aprendizagens proporcionadas por este processo formativo colaborativo. Também não tivemos tempo nem condições de identificar como esses conhecimentos se materializam na prática docente cotidiana, pois a comunidade ainda está se consolidando e esse estudo demandaria mais tempo e planejamento. Desse modo, compreender como a vivência no âmbito dessa comunidade impacta a prática do professor é um desdobramento futuro desta pesquisa.

Avaliamos a experiência como promissora por promover um espaço rico em debates, reflexões, aprendizagens, acolhimento, afetividade, empatia, solidariedade e respeito. Nossa pesquisa se soma a um conjunto de estudos que problematizam a formação continuada de professores e avança ao apontar possibilidades de promover uma formação mais alinhada às

necessidades reais dos professores e à dinamicidade do mundo contemporâneo, em constante transformação.

Financiamento: Fundo Estadual de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior (FUMDES - SC) - Programa de Bolsas UNIEDU.

Referências

BASSOLI, F.; LOPES, J. G. da S. Grupos Colaborativos de Professores e Desenvolvimento Profissional Docente: Concepções, Contribuições e Desafios. **Rev. Int. de Form.de Professores (RIFP)**, Itapetininga, v. 9, e024006, p.1-32, 2024. Disponível em: <https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/rifp/article/view/1247>.

CRECCI, V. M.; DARIO, F. Desenvolvimento profissional de professores em Comunidades com Postura Investigativa. **Acta Scientiae**, Canoas, v. 15, n.1, p.9-23, jan./abr. 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/acta/article/view/346/362>.

CRECCI, V. M.; DARIO, F. Desenvolvimento profissional em comunidades de aprendizagem docente. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 34, p. 1-20, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698172761>.

DESGAGNÉ, S. O conceito de pesquisa colaborativa: a ideia de uma aproximação entre pesquisadores universitários e professores práticos. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 29, n. 15, p. 7-35, maio/ago. 2007. Tradução de Adir Luiz Ferreira e Margarete Vale Sousa. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=563959961002>.

DESMURGET, M. **A fábrica de cretinos digitais: Os perigos das telas para nossas crianças**. Tradução Mauro Pinheiro. São Paulo: Vestígio, 2021.

FERREIRA, H. J.; PATTON, K.; PARKER, M. Do isolamento à colaboração: desenvolvimento de uma comunidade de professores de educação física em tempos de pandemia. **Movimento**, Porto Alegre, v. 28, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.127470>.

FIORENTINI, D. Histórias do Grupo de Sábado: refletir, investigar e escrever sobre a prática escolar em matemática. **Anais do VIII ENEM**, Recife, 2004.

FIORENTINI, D. Educação Matemática: diálogos entre universidade e escola. Palestra de abertura do X Encontro Gaúcho de Educação Matemática (**X EGEM**), Ijuí, 2009.

FIorentini, D. Pesquisar práticas colaborativas ou pesquisar colaborativamente? In: BORBA, Marcelo de Carvalho; ARAÚJO, Jussara de Lioila (Orgs). **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

GARCÍA, C. M. **Formação de professores para uma mudança educativa**. Porto: Porto, 2013.

GASPAROTTO, D. M.; MENEGASSI, R. J. Aspectos da pesquisa colaborativa na formação docente. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 34, n. 3, p. 948-973, set./ago. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795X.2016v34n3p948>.

HAMMERNESS, K.; DARLING-HAMMOND, L.; BRANSFORD, J. Como os professores aprendem e se desenvolvem. In: DARLING-HAMMOND, Linda; BRANSFORD, John (org.). **Preparando os professores para um mundo em transformação: o que devem aprender e estar aptos a fazer**. Tradução: Cristina Fumagalli Mantovani. Porto Alegre: Penso, 2019.

IBIAPINA, I. M. L. de M. **Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos**. Brasília: Líber Livro Editora, 2008.

IMBERNÓN, F. **Formação continuada de professores**. Tradução Juliana dos Santos Padilha. Porto Alegre: Artmed, 2015.

MAIA, M.; FIORENTINI, D. Experiência formativa de uma comunidade colaborativa com professoras que ensinam matemática nos anos iniciais. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v.9, n.1 – p.185-204, jan-abr de 2023: DOI: <https://doi.org/10.12957/riac.2023.70689>.

SÁ, L. P.; QUEIROZ, S. L. **Estudo de Casos no Ensino de Química**. 2.ed. Campinas: Átomo, 2010.

SERRES, M. **Polegarzinha**. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

TELES, Fabricia Pereria. **Prática Pedagógica na Educação Infantil: estudo compartilhado com professoras da cidade de Parnaíba-PI**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Piauí, Teresinha, 2010.

TWENGE, J. M. **iGen: porque as crianças superconectadas de hoje estão crescendo menos rebeldes, mais tolerantes, menos felizes e completamente despreparadas para a idade adulta**. Tradução Thais Costa. São Paulo: nVersos, 2018.